T. DE MELLO

POESIAS

POESIAS

DO CONSELHEIRO

DR. JOÃO CAPISTRANO BANDEIRA DE MELLO.

A Monsieur Ferdinand Denis, Directeur de la Bibliothèque de Ste Geneviève, à l'ami du Brésil,

Respectueux hommage

de

E. J. Bandeira de Mello

Paris, 27 Aout 1880.

RIO DE JANEIRO

Instituto Typographico do DIREITO, rua de Theophilo Ottoni n. 52.

1875

Duas palavras sobre este opusculo.

Um bom livro de versos é hoje phenomeno tão raro, como era para os antigos a ave fabulada, que renascia das cinzas.

E' por isso que vou saudar como importante acontecimento no mundo das lettras o precioso opusculo, com que o Sr. conselheiro Bandeira de Mello reproduzio na imprensa, trajadas das mais esplendidas vestes, muitas das impressões de sua idade juvenil.

As poesias d'este mimoso cultor das musas, escriptas em portuguez de lei, realçado pelas galas de puro e elegante estylo, sôão aos ouvidos como o delicioso murmurio de cristalino regato, que desliza brandamente sobre arêas de ouro, e em cujo sereno espelho se reflectem as tintas azues da esphera, as corollas das flôres e os cocares das palmeiras, que se balanção em suas margens.

Lembrão ellas a risonha quadra da infancia e todos os magicos devaneios e deliciosos sonhos, que nos embalão a aurora da existencia, quando a alma, tepida ainda do sôpro divino que a espirára, e conservando recentes lembranças de sua divina origem, guarda inteiro o viço da sensibilidade e a crença na boa fé dos homens e pára no liminar do presente para contemplar o intermino horizonte da esperança, onde se engolpha no oceano dos ineffaveis jubilos.

São como o sôpro de tepida aragem, que se levanta, com o sol, das regiões da aurora e roçando pelas cordas de uma harpa eolia ungido de celestes fragrancias, extrahe d'ellas o hymno melancolico da saudade.

A impressão, deixada no espirito pela leitura d'esses versos, tem alguma cousa do encanto, que sentimos ao abrirmos, em quadra adiantada da vida, o archivo d'essas prendas de affectos, a que a memoria do coração liga as mais ternas reminiscencias.

Ao suave raio de poesia, que resalta das petalas de uma flôr resequida e desbotada, d'uma trança, em que o tempo extinguio o perfume e amarellou a fita, que a prendia, d'um annel, cujo brilho se mareou ao contacto do pó, derrete-se a athmosphera de indifferença e tedio, em que nos enregelava o positivismo da realidade pratica; parece então que nos resurge aos olhos, doirado pelos prismas de encantada phantasia, o mundo dos primitivos enlevos, e como que vemos esvoaçar em torno, quaes magicas phalenas, os enxames das illusões fagueiras que nos havião embalado os annos juvenis ; como que até se nos repercute um echo longinquo das harmonias das espheras, que confusamente nos chegavão aos ouvidos nos dias, que separão a adolescencia do alvorecer da mocidade.

Então o coração palpita-nos pressuroso ; a saudade estende-nos ante os olhos um véo de lagrimas e o pensamento vôa ás regiões ethereas, á perenne fonte dos gozos immorredouros, onde aspiramos saciar a sêde de almejos, á que Deus condemnou no mundo o immenso —Tantalo—que se chama--a humanidade.

Algumas das melhores estancias d'esses pequenos poemas forão compostas ou retocadas nos ultimos dias. O professor illustrado, o laborioso juiz administrativo, o

distincto parlamentar consagrou a essas complacencias do pensamento as horas de lazer, que lhe sobrarão de outros serviços mais graves, consagradas á causa da patria.

Maravilhoso privilegio do legitimo talento!

Admira que, já transposto de ha muito o estadio da juventude, conserve o poeta tanta frescura de imaginação, tanta pujança e energia de phrase, tanta facilidade de metro e, o que é mais, tanta fluidez e melodia nos versos, que lhe manão do engenho naturaes e faceis, qual de virgem penedia o limpido manancial. Parece que o poeta habituou-se a distrahir seos breves ocios á sombra dos verdes loureiros do Helicon, onde viceja eterna primavera, e nos suspiros da aragem, que agita as ramagens das arvores de Apollo aprendeo todos os segredos da harmonia.

O verso do Sr. conselheiro Bandeira de Mello espira deliciosa suavidade. Ha hi nada mais encantador que a *Lembrança da Patria* e a *Saudade?* Raro a lyra de Gessner, o rei dos poetas idyllicos, vibrou de suas cordas notas de mais arrebatadôra singeleza! Só no *Hymno á Tarde*, de Odorico Mendes, é que a poesia brazileira póde apontar trechos, que n'este genero se lhe comparem.

Não posso deixar de transcrever os seguintes versos dessa maviosa endecha de amor, saudade e melancolia:

Oh! como fugitiva a alma lhe vôa,
Talvez transpondo a solidao das ondas,
Após o amigo, desde a infancia amado,
Com quem nos bancos do caseiro alpendre,
Doces, ledas memorias evocava,
Ou do incerto porvir na mente erguia
Mil esperanças vãs, donosos sonhos!

Lá se lembra dos seus! na idéa os busca,
E geme em longa dôr o estranho trato,
Que amigos não produz, sómente socios,
Convivas infieis, rivaes occultos,
Nos véos do embuste simulando affectos!

O' terra em que nasci, hei de inda ver-te!?
Com que celeste encanto eu te pisára,
E vira retouçar-se, airoso e nedio,
Alvo cordeiro em placida campina,
Soberbos touros, que riquezas amplas
Ao colono hão de dar, mansos ao jugo,
No claro da espessura, ou largo aprisco,
Arrebanhados! Lá me não soára
O silvo da tormenta, o som confuso,
Desalegre do mar, a voz do naufrago,
Mas sim o grave accento, que assignala
Sertanejo leal (tempera antiga)
Forte como o leão, e honrado e franco!

....
....
....

Sitios da infancia, sitios encantados!
Que saudade acordais nos seios d'alma!
Se a viração suspira na alameda,
Onde a amada jurou amor constante,
Quem não a sente, a relembrar saudosa
As phrases que ella disse, as que dissemos?
Se olhamos, posto o sol, o rôto colmo
De deserto casal,—se ouvimos longe
De suspirosa avena o som perdido,
Tão brando e meigo, como a voz que amamos,
Palpita o coração, porque sabemos
Quem o colmo habitou, quem tange a avena!
Um sentido de mais talvez anime
O homem, que entre os seus vive na Patria.

Antigos troncos, que affrontastes seculos,
De sobre o tope da alterosa serra;
Sombrio valle, alcatifada varzea,
Dizei-me! Qual de então guardais o aspecto?

Ainda hoje banhas, trepido regato,
Como dantes, o tronco do ingazeiro?
Poderei exclamar: Foi este o sitio,
Onde, a brincar, oh lympha, te rasgava
Leito novo, e sorria ao ver-te presa?
Inda hoje ensombras o casal paterno,
Verde-negra mangueira, onde enlevado
Prendia ao visgo cobiçadas aves?
Já de todo talvez está desfeito,
(O que respeita o tempo?) o usado trilho,
Que me levava ao cimo da montanha!

O ouvido bebe encantado e transmitte á alma em extasis esta deliciosa harmonia, que por alguns minutos fica resoando nos sentidos e no coração como vibrações de musica celeste; depois, os olhos se volvem de novo para a pagina, onde essas estrophes, ungidas de sentimento, offerecem ao coração o balsamo consolador de santos affectos e de puras alegrias.

Lendo aquellas magnificas estancias, acode logo á memoria a seguinte magistral apostrophe do *Hymno á Tarde*, de O. Mendes:

Tarde, serena tarde, que lembranças
Não nos vens despertar nos seios d'alma!
Amiga terna, dize-me: onde colhes
O balsamo, que esparges nas feridas
Do coração? Que apenas dás rebate
Cala-se a dôr; só geras no immo peito
Mansa melancolia, qual resumbra
Em quem sob os seos pés tem visto as flôres
Irem murchando, e a treva do infortunio
Ante os olhos, medonha, condensar-se?

A escola dos francelhos, que só escreve periodos de torneio *parisiense* e de arrebicado vasconço, enxergará talvez archaismo nas expressões—*amplexo*, *dar azo*, *desalegre*, *primos annos*, *pé disposto*, *ceruleos* e outras.

O que entenderá por *archaismo* esta pleiade illustre de reformadores, que a si mesmo decretou os pergaminhos de mestres, condemnando de seu Olympo litterario, com um rasgo de penna, obras em que se consumirão vigilias e lucubrações de muitos annos, e por onde apenas correrão os olhos, só no intuito de lhes descobrirem defeitos, da mesma fórma que certa senhora percorria o diccionario, composto por um illustre inglez, em cata de palavras offensivas da decencia?

Parece que esses *neotericos* escriptores não lêrão o verso da arte poetica de Horacio:

« Multa renascuntur quœ jam cœcidere, caduntque, etc. »

Não admira tambem que os *Planches* da litteratura brazileira, tentando crear nova e original Arcadia de elogio mutuo, entendão que o velho verso portuguez, o verso heroico de Camões, de Bocage e de Garrett, e que o Sr. conselheiro Bandeira de Mello tão habilmente maneja, precise ser *reformado*.

Houve na idade média uma seita, que preferia aos versos da Eneida os hendecasyllabos rimados em parelha, e escriptos em latim barbaro; assim, por exemplo, aos bellos versos:

Hi summo in fluctu pendent his unda dehiscens
Terram inter fluctus aperit, furit æstus arenis,

antepunhão, por melhores, os seguintes:

Brixia vestrates *lutosa* volumina vates
Non sunt nostrates tergere digna *pedes*.

O que parece indubitavel é que, se Virgilio resuscitasse e podesse profanar a musa em taes vulgaridades, a sua resposta aos criticos seria verberal-os com estes versos, preferidos aos seus.

E muita gente haveria no Brazil que o imitasse em tal proceder.

Mudar por antiquada a metrificação portugueza, isto é, substituir (não declarão por qual outro) o verso heroico, a manifestação suprema da energia viril e da belleza de nossa lingoa, onde naufragão os poetas sem inspiração!! Si não visse escripta em lettra redonda esta abstrusa proposição, não acreditaria que alguem a houvesse proferido, e julgal-a-hia parto da vertigem, produzida no cerebro pelo torvelim, em que nos desgraçados tempos actuaes parece que se engolphão o bom senso, o gosto, o espirito de justiça e de probidade litteraria.

Felizmente o livro do Sr. conselheiro Bandeira de Mello é um dos protestos vivos contra uma escola desorganisadora, que ha de ter a ephemera duração dos insectos, nascidos e nutridos das exhalações dos pantanos.

CARDOSO DE MENEZES.

Rio, 17 de Novembro de 1875.

AO LEITOR.

(DA 2ª EDIÇÃO)

Acquiescendo ás instancias de alguns amigos, apreciadores do engenho poetico, damos á estampa colleccionadas as seguintes poesias, que já ha muito tempo foram publicadas avulsas e se achavam de todo esgotadas.

Para realisar esse almejado intento tivemos de vencer a resistencia que nos oppoz a modestia do autor das mesmas, o qual afinal só accedeo aos nossos rogos, sob a condição de serem ellas publicadas de modo que não revelassem pretenção de sua parte.

Satisfeitos com esta permissão, embora restrictiva, offerecemos aos amantes das bôas composições poeticas este pequeno volume, que esperamos seja bem acolhido por aquelles que prezam o elevado e mimoso estro do autor; e é somente a elles que destinamos esta publicação.

***

Recife.—Julho de 1867.

EXM. SR. CONSELHEIRO.

Achavam-se hontem á noite commigo dous distinctos cultores das lettras, um dos quaes é o inspirado auctor do poemeto *Greenalgh*, quando me foi trazido o livrinho de poesias que V. Ex. autorizou a reimprimir. A curiosidade nos levou a ler para logo a primeira poesia, e justa soffreguidão a devorar o resto, deplorando por fim que tão poucas em numero fossem aquellas producções de um vigoroso ingenho. Com effeito, avultam alli entre os pouco vulgares meritos de obras taes, uma versificação pura, uma invejavel sobriedade de termos, que nunca todavia deixam obscuro o pensamento, idéas viris expressas em phrase ás vezes felicissima, mas por sobre tudo um condão de sentimento não affectado, mas real, fundo... e contagioso.

Intendeo V. Ex. mui bem que, exhibindo taes riquezas, dispensava dimensões; e que o monte Ararat não vale o Koh-i-noor.

Cumpre-me agradecer cordialmente a V. Ex. este valioso mimo, felicita-lo por mais um triumpho, e supplicar-lhe em nome das lettras, que prefira o dedilhar de lyra immortal ao culto de loureira desfaçada e perfida, por irrisão denominada politica.

Sou com altissima consideração

De V. Ex.

Admirador, criado e obrigado

J. F. DE CASTILHO.

13—Rua do Conde. —26 de Outubro de 1867.

POESIAS

LEMBRANÇA DA PATRIA.

Feliz quem junto ao lar de herdado tecto,
De paternas memorias circumdado,
No mesmo assento dos avós repousa!
Que val nos mares turbidos da vida,
Ter a mão sobre o leme, olhos na agulha,
Se mal sabemos nós, em cegos rumos,
Que porto o mar e o vento nos destinam?
Nunca podéra crê-lo! Injusto fado,
Oh! não tolhas que eu volva onde lembranças,
Onde saudade e amor meus passos chamam.
O' lume de meu lar! Se hoje te eu vira,
De ti como podéra approximar-me?
Mudo, e turvos de lagrimas os olhos.

O' terna, ó cara, veneranda sombra,
Que á da Patria em meus sonhos te misturas,
O' meu saudoso Pai! quando abraçados,

Triste, em silencio, adeuses mutuamos,
Pensei, pensaste, ó Pai, que a extrema fosse
Para nós essa vez! Nem mais te visse
O vulto, ou te beijasse a mão querida!
Era esse mutuo amplexo o derradeiro;
E inda hemos de nos ver, dissemos n'alma!
Illusão! Desde então prendeu-me o fado
A' cidade, em que á luz abriste os olhos;
Mas nella me distrahe debalde o tempo
Rapido, e o mundo vão. Minha memoria
Assiduos pensamentos te consagra,
E no frio sepulcro, onde repousas,
Na mais viva saudade te desperta.

Póde amante fiel, no amor trahido,
Riscar do tronco cifras, que entalhára;
Póde amigo leal, magoado n'alma,
Doces laços que amou, quebrar sentido;
Mas da Patria o amor, que amores tantos
Dentro do coração resume e apura,
O apaga só (talvez) a mão do crime,
Ou essa maldição, açoite horrivel,
Que desterra do lar um filho ingrato,
E segue esse infeliz, como o remorso,
Onde quer que o semblante esconda á Patria!

Lá deserto inda está meu caro ninho,
Como o da rôla no comprido inverno!
Porém despede a rôla o vôo um dia,
E á sombra do arvoredo, que a conhece,
Enfia o ninho, as azas colhe, e pousa.

Feliz ! E eu ?... Lido em vão, somente imagens,
Que tantos annos ha, no fundo d'alma,
Dormem sem luz, sem côr, desfeitas quasi,
Em saudoso retiro acordo, evoco !
O' terra maternal ! Que amôr interno,
Que indizivel encanto a ti me prende !
Se me arrasto onde o Fado me constrange,
Preso o meu coração lá tens comtigo !

Ah ! piso alheio chão, não porque ardente
Demandasse os teus dons, fallaz Fortuna,
Nem porque para o peito, em longa ausencia,
Contra as setas da dôr buscasse asilo.
Porém, quam inexperto ! me illudiste,
Tu, precario rumor, chamado gloria,
Tu, ancia de saber, tormento d'alma !
E que inutil saber ! Vacilla o sabio,
Entre fatuos clarões, em mar de trevas !
E pois, que me valeu privar-me eu mesmo
Dos leaes amigos, que me cercavam,
E dar azo a que a ausencia anticipasse
Esse golpe de dôr, que cedo ou tarde,
Entre abysmos eternos nos separa
De pais e filhos, e de irmãos e amigos ? !

Ah ! só quem peregrino em longes terras,
Por entre estranhas turbas foi passando,
Quasi ermo o coração, como o deserto,
Sem ter com quem permute um riso ao menos,
Com quem partilhe a dôr, se dôr o punge,

Alcança aquilatar como é suave,
Ineffavel ventura,—não sabida,
Entre pais, entre irmãos, entre penates,
A vida desdobrar no chão da Patria!

Oh! como fugitiva a alma lhe vôa,
Talvez transpondo a solidão das ondas,
Após o amigo, desde a infancia amado,
Com quem nos bancos do caseiro alpendre,
Doces, ledas memorias evocava,
Ou do incerto porvir na mente erguia
Mil esperanças vãs, donosos sonhos!
Lá se lembra dos seus! na idéa os busca,
E geme em longa dôr o estranho trato,
Que amigos não produz, somente socios,
Convivas infieis, rivaes occultos,
Nos véos do embuste simulando affectos!

O' terra em que nasci, hei de inda ver-te!
Com que celeste encanto eu te pisára,
E vira retouçar-se, airoso e nedio,
Alvo cordeiro em placida campina!
Soberbos touros, que riquezas amplas
Ao colono hão de dar, mansos ao jugo,
No claro da espessura, ou largo aprisco,
Arrebanhados! Lá me não soára
O silvo da tormenta, o som confuso,
Desalegre do mar, a voz do naufrago,
Mas sim o grave accento, que assignala
Sertanejo leal (tempera antiga)
Forte como o leão, e honrado e franco!

Fecunda Meruóca! Ampla Jaibáras!
Ameno Acaracú! (asperas vozes
A indifferente ouvido, e ao meu suaves)
Ha muito vos não vejo, amaveis sitios!
Este meu coração, que vezes tantas,
Por vós lá palpitou na flôr da vida,
Hoje longe de vós, por vós palpita.
Que me val o esplendor de alheia pompa?
Aureas columnas, porticos lavrados,
Quando estranhos nos são, não prendem a alma?
Mas vós, contornos da querida Patria,
Oh! como d'alma toda, entre lembranças,
Em meigas commoções, vibrais as cordas!
Que nossa alma, onde está, tudo engrandece,
E a villa pequenina a Roma iguala!

Sitios da infancia, sitios encantados!
Que saudade acordais nos seios d'alma!
Se a viração suspira na alameda,
Onde a amada jurou amor constante,
Quem não a sente, a relembrar saudosa
As phrases que ella disse, as que dissemos?
Se olhamos, posto o sol, o rôto colmo
De deserto casal,—se ouvimos longe
De suspirosa avena o som perdido,
Tão brando e meigo, como a voz que amamos,
Palpita o coração, porque sabemos
Quem o colmo habitou, quem tange a avena!
Um sentido de mais talvez anime
O homem, que entre os seus vive na Patria.

Antigos troncos, que affrontastes seculos,
De sobre o topo da alterosa serra,
Sombrio valle, alcatifada varzea,
Dizei-me ! Qual de então guardais o aspecto ?
Ainda hoje banhas, trepido regato,
Como dantes, o tronco do ingazeiro ?
Poderei exclamar : Foi este o sitio,
Onde a brincar, oh lympha, te rasgava
Leito novo, e sorria ao ver-te presa !
Inda hoje ensombras o casal paterno,
Verde-negra mangueira, onde enlevado
Prendia ao visgo cobiçadas aves ?
Já de todo talvez está desfeito,
(O que respeita o tempo ?) o usado trilho,
Que me levava ao cimo da montanha !

O' céos da Patria minha ! O' céos risonhos !
Quam doce é contemplar no ethereo assento,
De côr de opála, a matutina nuvem,
Quando, sobre a neblina branqueando,
Qual niveo chamalote desdobrado,
Da Meruóca oscilla ao pé da encosta,
E como que se abraça ao seu rochedo !
Ou quando pelos céos, ao puro sopro
Da viração, correndo em desfilada,
Graciosa reflecte as várias fórmas
Nos liquidos cristaes, ou fundos póços,
Nunca exhauridos pela mão fervente
De longo estio, que os sertões abraza !

Foi lá que venturoso, em rosea tarde,
Muita vez quando o sol aponta ao occaso,
E os puros horisontes avermelha,
Qual cirio acceso que o universo incende,
Olhei, da ribanceira, o patrio rio,
Em carreira soberba arrebatado,
Roncando em borbotões que déra o inverno.
Lá, co'os olhos segui, que se alongaram,
O fôfo molungú, que atropellado,
Sem saber, como nós, qual riba o espera,
Desce á mercê da rapida corrente,
Depois que o cavalgou alegre turba,
Na loucura feliz dos primos annos!
Oh! como em doce, jovial contento,
Por entre espumeos rolos, braço a braço,
Em porfiosa luta atarefado,
Ufano entre os sussurros da victoria,
Por ditoso me dei na opposta margem!
Depois provando o renovado alento,
Volvia aos companheiros, que esperavam,
Com pé disposto, o juvenil certamen!

O' dias fugitivos de innocencia!
O' magas scenas da querida Patria!
P'ra mim o que hoje sois? Saudosos échos,
Que meigos dentro d'alma me estremecem,
Qual voz de mãi ou mystica harmonia!
Gratas reminiscencias que inda guardo,
Qual amante leal queridas prendas!
Divina poesia! em que resoam

Doces estrophes, que me enganam a alma,
E esses raros momentos me concedem,
Em que desprézo estolidos caprichos,
E do mundo traidor me esquivo aos dólos!
O' Patrio Acaracú! O' caras margens!
Quatro lustros e mais já são passados,
E a dita de vos ver sempre me foge!
Ver-te-hei ainda, ó Patria! Essa ventura
Praza a Deus me console antes que expire.
Possais, échos do valle, échos dos montes,
Meus suspiros colher, leval-os onde
Um suspiro sequer responda ao vate.

Açoitado do vento e da tormenta,
O arbusto vérga em descampada praia,
E ao lado opposto curva a copa e os ramos.
Assim na solidão da terra estranha,
Pelas mãos da saudade torturado,
Do peregrino o coração sombrio
Sob o peso da dôr se inclina á Patria,
E murcha como a flôr, que no deserto
Da tempestade a mão roubára ao tronco!

J. C. B. M.

Recife—1845.

O MAR.

Quem é que o mar já vio, ou seja irado,
Roncando espumeo nas desertas praias,
Ou calmo nos rochedos dormitando,
Conscio do seu poder e da tormenta,
Que deixasse de amar o rei das aguas!
Tranquillo, porque é forte, o mar me encanta;
Bravo, porque potente, se recusa
A miseros mortaes render tributo,
Escravo feudo.—Presto, eil-o que apaga,
Volvendo as ondas, mal impressos traços
Do infortunoso, destemido nauta!
Qual foi na creação, surge e circula!
Cavalleiro do mar! (*) illustre Byron!
Tal como a ti, as ondas me confundem,
E qual transumpto do Poder Immenso,
Vem reflectir-se na minha alma attonita!

(*) Qual corcel, conhecendo o cavalleiro,
Debaixo de meus pés as ondas saltão!
(Lord Byron—Child Harold.)

Quanto és grande, ó mortal! Tu tens a chave
De tudo que é poder. A natureza
De seus arcanos liberal comtigo,
Outorgou-te o saber, fez-te monarcha,
Curva a cerviz, ao jugo te obedece.
Em lampejo veloz te leva ao longe
Do pensamento o variado molde.
Por ti se abatem levantados serros,
Compresso o rio, em novo leito ondeia,
Mas, sabia e previdente, a teu dominio,
Nas ribeiras do mar sentou-lhe os marcos.
Assim nem sempre poderás impune,
Ousado dar-lhe leis, sulcar-lhe o dorso.

Não vês, em gyro, marulhadas ondas,
Nos arrecifes túmidas rugindo,
Nesses aquosos páramos abrirem
Cégos abysmos, vórtices de morte?
Vês como o pégo, remirando as praias,
Palacios, torres, que lhe bordão margens,
Raivando brama, e rebramando espuma,
Insulta os vasos, a arquejar na dóca,
Desafiando os aquilões raivosos?

Porque, audaz, sem tremer, filho da terra,
Da terra, que te dá jardins e pomos,
Vás affrontando a sorte, em mil discrimes,
As vagas habitar, travar sem norte,
Em temerosa tréva, arduas refregas?
Venturas buscas? Não! lá te compunge

Na alma, saudoso o lar, e a branca nuvem
Do prazer, balouçando, se esvaece.

Mas ao longe talvez amôr te espera,
Já te increpa de tardo, e accusa a sorte,
Vendo a ferver o torvelim das ondas!
O' que lindo pharol por ti se accende!
Vai, oh! vai. Ao amôr o pégo escravo
Serve. Arremessa ao mar afouto o lenho.
Máo grado os vendavaes, feliz o amante,
Após a amada, surge em porto amigo.

Triste contradicção! Amas a vida,
E pareces, no entanto, aborrecel-a!
Fitando esse ouro vil (fructo de morte)
A que se acurva, oh dôr! o peito humano,
O primeiro baixel vogou nas ondas,
Abaixo, acima, em desvairado rumo.
Fiaram loucos a infieis rochedos,
Da mesquinha existencia o breve estame.
Oh! cobiça voraz! Entre naufragios,
Porque os tristes mortaes inda conduzes,
Falsada e torpe, ao temerario arrojo?
Possam tranquillos evitar-te a sanha,
E dos ceruleos campos—teo dominio,
O' mar potente, respeitar-te o mando!

J. C. B. M.

Recife—1843.

UM ADEUS À BORDA DO MAR.

Pelo ondeante mar vai resvalando
Enfunado baixel,—já dobra Olinda,
Já, livre dos parceis, ávante voga;
Aos horisontes, rosiclér trajados,
Meiga tarde sorri; zephyros folgam
Arredondando branqueadas velas,
Nos vastos campos das serenas ondas,
Do puro azul do céo limpido espelho—
O conjugal amôr pôz freio aos ventos,
E como que se applaude esse oceano
Jubiloso de ver tão bello quadro!...
Deste modo é que amor desfaz procellas...
Feliz de quem sentisse o peito calmo
Como estas ondas! Singular contraste!
As tempestades, que do mar se apartam,
Rugem talvez em corações humanos!

Tu—vás (porque?) á terra desolada!...
Que livro vás abrir de desespero
Ante teos olhos? mil sangrentas paginas

De traições e horror hão de fallar-te ! !
Entre abrolhos os campos desprezados,
Novas te pedirão das mãos calosas,
Que de açudes o seio lhes rasgaram,
Onde hoje, sem pastor, procura o gado,
Com tardo pé, na sésta abrazadora,
Des-sedentar-se (em vão !) Que é feito dellas ! ?
Suspiros de viuvas solitarias
Teu somno quebrarão nas travessias;
Mil lagrimas, de sangue misturadas,
Rociando-te as vestes, gota a gota,
N'alma te irão cahir,—em fogo ardendo.

Vês esse quadro ? Volta os olhos, foge.
E' de triste mulher... Dextra assassina,
Em dia atroz de horror, roubou-lhe o esposo,
E por terra o lançou, involto em sangue...
Céos ! Como em triste olhar o adeos extremo
Lhe luzio d'alma—á esposa, aos caros filhos !
Oh ! Quem orphão já foi—chore com elles.
Elles !—marinhas hervas desgarradas
Das rócas—vão vogar no mar da vida,
A' mercê da corrente e da tormenta !
Ella !— rócha—cahio-lhe sobre o peito,
E esmagou-a de dôr ! Os cavos olhos
Em perenne chorar, jámais se enxugam !
Talvez de perto a encara o monstro horrivel...
E dessa desditosa o pranto insulta,
E no seu supirar os odios céva !
Entre filhos, sem pai... exhaure inteira

A negra taça d'infortunio extremo.
Jaz n'um carcere escuro, escarnecida,
Punida por chorar... (Horrendo crime) !
Entre cohortes de crueis verdugos !
Deus ! que de modo tal a vês prostrada,
As magoas e as saudades lhe consola !

Tal me vaga embalado o pensamento,
E sempre, a meu pezar, me tinge os versos
Destas sombras crueis, que vês no quadro,
Que dia e noite o coração me avexam.
Quem déra desluzir tão negras scenas !
Disseras essa terra outr'ora um Eden
De gozo,—has de encontral-a hoje coberta
De seccos matagaes, ao sopro esteril
Desses regulos vis, que a dominaram. (*)
Ah ! com esse pesar indefinivel
De terno amante solitario e triste,
Que as frias cinzas vê da extincta amada,
D'aqui os restos do meu ninho enxergo...
Oh ! Patria dos Tristões, oh Patria minha !
Té quando o collo teu verás pendido
Ao jugo dos verdugos, que te opprimem ?

Vai, sim—Do joaseiro á sombra grata,
Sobre o verde velludo das campinas
Farto pascígo de anafado armento,
Ou, se mais te aprouver, subindo as serras,

(*) Não quizera que isto se entendesse com certas pessoas, a quem aliás estimo.

Que os céos devassam com soberbas cimas,
Descança. Oh possas descançar tranquillo!..
A caraúna, temperando os cantos,
Das franças do ingazeiro pendurada,
A' margem dos ribeiros cristalinos,
Convida-te a dormir.---Dorme e repousa!
Vida e saude beba a longos tragos,
Tendo os filhos em torno, a esposa amada!
Peregrino! satura-te de vida,
E dize, se outros céos ha mais formosos?
Bemdiz meu patrio ninho. Oh quem podéra
Ir comtigo rever os doces lares!
O fado, que me arrasta, o não consente.
Sem mim vai, peregrino, e presto volta
Aos braços da sollicita amizade.

J. C. B. M.

Recife--1843.

SAUDADE

Oh! quantas vezes na saudosa ideia
Os vergeis e as collinas me retrato
Da fresca Meruóca, (*) onde entre flores
Ligeiras borboletas perseguia,
Na meiga aurora do raiar da vida!
Quanto prazer me dás, oh tu da infancia
Vivaz lembrança! Quanto orgulho infundes,
Minha terra natal! Aos Céos não apraza
Que onde, qual estrangeiro, me contemplam (**)
E dos foros civis, impios, me tolhem,
Funerea lousa me resguarde as cinzas!
Negam-me cidadão! Quem tal disséra?
N'uma casa de irmãos, unido imperio!
Has de outra vez sorrir-me... e se, máo grado,
Cobrir aqui meu corpo estranha terra,
A mim estranha!.. de meus filhos patria,
E patria de meu pai! se a alma podéra
Um asylo escolher além do tumulo,
Quão certo! a minha sombra te buscára...

(*) Serra visinha á cidade do Sobral, Provincia do Ceará.
(**) Isto não passa d'uma verdade poetica, a qual por sua natureza não é demasiado austera: basta que assim o pratique alguem para que ella exista.

Balda esperança ! Ah ! sim, verás, ao menos,
Na urna sepulcral, meus ossos juntos
Aos frios ossos, que em jazigo escuro
Inda não visitei... (Oh não me culpes...)
Aos ossos de meu pai, que hei tanto amado...
Quem o teve melhor ?! Eu tenra planta
Regou-me as folhas,—mas não vio seus fructos...
Ao lar, de ha muito, disse adeus eterno!
Oh logica de dôr, mysterio acerbo !
D'um pranto a outro pranto os fios teces,
E feres dentro d'alma a fonte amara!
Ao pai querido associando a Patria,
No fundo peito ~~me redobras~~ a magoa me duplicas.

Surdo jazigo ! nem se quer me é dado
Banhar-te de meu pranto a lage fria!
Cyprestes, vós que lhe cresceis em torno,
Sois talvez os interpretes da angustia...
Quando da tarde a viração vos curva,
Esse triste sussurro, que resôa,
Não falla acaso de saudade aos mortos?
Fallai, Cyprestes, da saudade minha.

J. C. B. M.

Recife—1843.

EPISTOLA (*)

AO ILLM. E EXM. SR.

JERONIMO MARTINIANO FIGUEIRA DE MELLO

PRESIDENTE DA PROVINCIA DO MARANHÃO

PELO DESEMBARGADOR

JOAQUIM JOSÉ SABINO.

Se tivesse na mão tornar-me aos tempos,
Em que de Apollo arremedava o estro,
E ao som do encanto da divina lyra
Meu doce plectro aos ares elevava,
Que lindos versos, estimavel Mello,
A teu pedido não fizera agora!
Mas foi-se o tempo da inspirada musa;
Agora—velho—só rabugens gramo.

Em tudo inerte desprezado cêpo
Me esforço em vão na carunchosa idade,
Sem que recobre as apollineas forças,
Com quantas aguas na Castalia beba.

(*) A esta epistola responde a epistola seguinte.

Razão cançada, sim, de vez em quando
Verdades rasga nos grosseiros versos,
Mas tão cobertas de negrume escuro,
Que mal se podem descobrir no quadro:
Separa-as, pois, da trapalhona arenga,
E só as puras com reserva guarda,
Pois lá virá na mesquinhez o tempo,
Em que te sirva aproveitar migalhas.

Eis pois lá vão, se te aprouver, retira
Espaço curto ao trabalhoso emprego,
Que, a bem dos povos, exercer te cumpre;
Mas não de chófre pelos olhos passes
Desenhos toscos de verdades sérias,
Porque debaixo dos pesados rasgos
Pinturas muitas acharás sumidas,
Que aos olhos fallão e a razão despertam.

Que vês agora em mim? Dizes que um velho,
Bailando á tôa, estropeando o plectro.
Verdade fallas, não me offende ouvil-a·
Mas (olha, observa, a natureza estuda)
Tambem se mudam as paixões no tempo,
Conforme o gozo e as estações da idade.
Pois, como pensão vigorosos annos,
Não pensa o gelo da velhice inerte:
Nem o prazer, conforme a dôr, discorre,
Posto qu'encontres a razão em ambos.

Meus annos branqueei aqui servindo
Brazil no Maranhão. Lutei co'os tempos,
Sem que podessem as tormentas todas
De meus deveres arredar-me um passo;
Agora nada sou, mal me movendo
Levado a rastro pelas mãos dos outros,
Trabalhei, trabalhei; cançou-me a idade,
De lustros desaseis passar a meta
Um anno e meio só, não mais, me falta;
Gelado corpo, dolorida inercia,
M'estão mostrando approximar-se a morte.

Desse phantasma, que se diz—o mundo,
Já não me engodam pitorescos brilhos,
Em pobre casa na velhice e dores,
Não mais desejo que expirar tranquillo.
Quem mais se afana a procurar subidas,
Correndo vai tambem ás grandes quédas;
Aqui me encérro, carcomido d'annos,
Até que a morte me remetta ao nada;
Não deixo herança, mas exemplo aos filhos,
E os meus escriptos por que aprendam nelles,
Que fumo ás auras são honras e mando,
Seguras tanto como a pluma ao vento.
Riquezas menos brilharão nos cargos,
Do que a formosa pontual pobreza,
Tanto mais bella, quão singela veste.

Sim, tu, que estás nos florescentes annos,
Viscoso sangue te apegando ao mundo,

Desfructa o gozo dos vistosos mandos,
Per elles sobe a te assentar nas tubas
Da linda Deusa, que eterniza os feitos;
Mas vê primeiro as elevadas serras,
A' cada passo com roliças pedras;
Estende a vista, por miudo observa,
Como aqui, como alli, os males crescem,
Sem que se vejam trabalhar enxadas
Sobre as raizes dos infestos troncos,
Despezas futeis, ociosos cargos,
Contínuos roubos, rebolões orgulhos,
Suborno vil e patronato injusto,
Partidos entre si em guerra viva.
Vindo por fim das eleições os raios.

Se injustas forem, que producto esperas
Senão rancor dos que debaixo ficam,
Desses, que sabem saciar vinganças?
Não vês, que os ares impregnados lançam
Bojudas nuvens, de aquilões sopradas,
E os ares grossos do vapor da terra
Como annunciam subterraneo fogo?
Razão, que vio os retirados tempos,
E vê que os ventos como d'antes sopram
Não se confia das bonanças falsas,
Que pausas são de tenebroso inverno;
Emquanto virmos no Vesuvio o fumo,
As lavas temos a ferver por baixo;
Se não sabemos quando aos ares sobem,
Ja vimos quanto os seus estragos fazem.

Partidos peste são, que o Imperio estraga,
Em bandos retalhando, opposto o povo,
O moço, o velho, o filho, o pai, o amigo,
Na mesma casa adebellar-se, matam;
Phalanges vão ao chamariz dos roubos,
Fartam-se os crimes na traidora guerra,
Berrão furores nos trovões das armas,
O sangue corre, vão cahindo as vidas,
D'aqui os Syllas, d'acolá os Gracchos,
Por fins contrarios tyrannisam Roma.
Pompêos e Julios, apezar dos laços,
Vão disputar a quem pertence o Imperio,
Fumam-se as rendas dos exhaustos cofres;
Brazil, tu ficas mendigando esmolas!

Assim o tempo vai, assim... Deliro?
Oh como a bile sem olhar me arrastra
A pluma incauta, que a ralhar se esquenta?
São os meus annos proprios ao delirio;
Não mais esforço as despennadas azas,
E o plectro quebro para não tentar-me.
Mas tu, que tens por teu dever ser Argos,
Espreita o tempo, observa ao longe as nuvens,
Segura os passos, quédas acautela,
Emprega as forças e resguarda as palmas.

JOAQUIM JOSÉ SABINO.

Maranhão.—1843.

EPISTOLA

EM RESPOSTA Á DO ILLM. SR. DESEMBARGADOR

JOAQUIM JOSÉ SABINO.

Que lindos versos, no gelado inverno
Da longa e triste branqueada idade,
Inda sabes cantar, ó bom Sabino!
Harmonia, vigor, conceito e graça
Nelles matizas com discreto gosto:
Ao lê-los, me tomou ingenuo arroubo;
Sem quebra de prazer, assiduo os leio.
A par de mim amigos meus gozaram
Quantas delicias me derramas n'alma.
Barbaro fôra quem fugira á musica,
Com que desprendes d'essa lyra d'ouro
Santas, singelas, asperas verdades.
O teu grave cantar, qual dão teos annos,
E já na tarde da cançada vida,
Quasi no liminar do pouso eterno,

Prendeo a todos com suave encanto,
Todos te acclamam sonoroso vate.

Si o teu ralhar porém (como lhe chamas),
Provando a gente da verdade a summa,
Do longo experimentar lições proficuas,
E dando aos Reis a norma do governo,
Muito me apraz;—quem déra ouvir-te os carmes
As graças da illusão tambem cantando,
Da illusão a dourar da vida os gomos,
Que na esperança encobre o soffrimento
E afasta da verdade o travo amargo:
Filha das Musas! illusão fagueira,
Do amor arrimo, da virtude auxilio!
Mistura-a sempre do prazer na taça,
Para não deparar no fundo a magoa!

A' quem o digo?! Quem me déra ouvir-te,
Nessa quadra em que as faces te arraiava
O sol da juventude, e quente o sangue
Fervia-te no peito, onde cravára
Seus agudos farpões o deus vendado!
Com que magia e perfumado estylo,
O musico alaúde dedilhando,
Tu não cantáras, magôando as cordas,
O meigo suspirar do amor queixoso,
Ou desferindo arpêjos de delicias,
Do satisfeito amor rapidos gozos;
Ou já na clave, qual compete á ira,
Cegos furores, e tristura amarga

De pretendente amor enlouquecido!
Como pintáras, qual Cantor dos Martyres,
Captiva da paixão uma Vellêda,
Só morrendo de amor, sem ser amada!

Se em notas guardas harmonias tantas,
Rogo-te, ó bom Sabino, dá-me o gozo
De lê-las, e um modelo que arremede
A minha musa rouca e sem compasso.
Como no plectro teu o amor da Patria
Brilha e te incita, Maranhense Bardo!
Soltando os echos de sonoros versos,
Gemes as divisões, partidos loucos,
A que filhos, irmãos e pais se arrumam,
E a cidade commum dous campos formam,
Barateando a vida, oh desvario!
Após palavras vans, e vãos sophismas,
Ou quando muito, envernisado jugo!
Carpo comtigo em desatado pranto,
O amor devido a pai—tornado em odio,
O pai vasando o sangue, (horror! opprobrio!)
A quem o sangue c'o a existencia déra!
O pai sem filhos, de chorar cançado,
E o negro crepe da viuva afflicta!

A natureza soffre, isto o demonstra,
E commigo o dirás, ó bom Sabino!
Profunda chaga nas entranhas sangra
Desse horroroso, miserando estado,
Mentida ordem:—nem imagem della!
Discordia e luta, tal o afan da vida!

Virtude é sonho, só nos versos mora;
Caminha o mundo a naufragar constante,
Sem que o veja a razão, involta em nuvens!
Fatal costume d'anarchia! Insania!
A lei é outra que os destinos rege,
Da preterida lei só males surgem,
Sente-se a base do edificio á plumo,
Que o Eterno ideiou na mente archetypa;
Surgirá nova Idade aos nossos netos,
Em que amor (e não odios, nem cizanias)
E harmonico interesse o laço estreite
Aos sociaes reciprocos deveres.

Mas quem o braço metterá á empreza?
E quem ha de baixar a tela espessa,
Que o polo ensombra da futura idade,
E a nova aurora, que brilhar não póde?
Generoso querer quasi bastára—..
Mas quem!.... oh quem!... suavisar aspira
A humana condição? Fero egoismo
Trancou a porta a impulsos generosos.
Já nem as palmas de renome incitam.
De Cresso a fama, da vaidade as modas,
Enchem cuidados do corrupto mundo.
« Fumam-se as rendas dos exhaustos cofres, »
Disseste-lo, inda bem; verdade é pura.
É nisto que se afana a gente *honrada*!..,
Estraga-se o pudor, vende-se tudo,
Se a bolsa póde rechear-se d'ouro...
Tambem eu ralho, como tu, Sabino.

Tu, pois, que solitario nada vales,
Contra a corrente, que arrebata o globo ;
Tu que tão puro n'esse peito almejas,
Estreme de egoismo, altas venturas,
Não a ti, mas á Patria que idolatras ;
Tu, que em boas acções sempre teimando,
Cançaste os annos, branqueaste a fronte,
Sem que á lida a colheita respondesse,
Antes que a lousa te sepulte o estro,
Rebate, ao menos, desmascara os impios.

Oh meu Sabino, derreado e troncho,
O corpo fraco, carcomido d'annos,
A' estranho braço mendigando ampáro,
Muito pódes fazer; a Patria o pede.
Sobeja-te vigor n'alma robusta,
Com que contrastas, magistrado inteiro,
Rompendo as redes de cilada astuta,
Voraz desejo da cobiça avara,
Que o pão usurpa á tímida pobreza .
Com que, por gosto, por dever, adargas
Desvalida innocencia, a quem potente
Braço do rico formidoso escorcha.
Se acaso a sedição enturva os povos,
Triumphante ambição jamais comtigo
Contou soberba, torturou, sangrenta,
Quem devera vencer, talvez vencido.
A lei o crime definio solícita,
E a lei—teu norte—te reforça o animo,
E ao triste povo, extraviado bando,

Que, entre mil illusões, matou, morrendo,
Não pune a lei, não punirás tão pouco,
Embora raive o vencedor sedento,
Odios nutrindo, exilios anhelando.

Já vês o quanto proveitoso vales!
Eu sim, ah! nada avulto, nada posso,
E só me cabe encomiar teus versos,
Captivado do estro fulgurante
Com que teu alto engenho accende Apollo,
A par dos feitos, das virtudes tuas,
Que aos evos levarão o teu renome;
E os evos te dirão—CANTOR SUBLIME!

J. C. B. M.

Recife, 29 de Julho de 1843.

ISCHIA

MÉDITATION POÉTIQUE DE LAMARTINE

Le soleil va porter le jour à d'autres mondes;
Dans l'horizon désert Phœbé monte sans bruit,
Et jette, en pénétrant les ténèbres profondes,
Un voile transparent sur le front de la nuit.

Voyez du haut des monts ses clartés ondoyantes
Comme un fleuve de flamme inonder les coteaux,
Dormir dans les vallons, ou glisser sur les pentes,
Ou rejaillir au loin du sein brillant des eaux.

La douteuse lueur, dans l'ombre répandue,
Teint du jour azuré la pâle obscurité,
Et fait nager au loin dans la vague étendue
Les horizons baignés par sa molle clarté.

ISCHIA (*)

MEDITAÇÃO POETICA DE LAMARTINE.

(TRADUCÇÃO LIVRE)

Ao transmontar do sol, silenciosa,
Dos balcões do oriente assoma a lua;
Sobre céos de turquezas resplendendo,
Em circulo de prata encerra a noite.

Vêde-a;—em torrentes de suave brilho,
Qual inflamado rio inunda oiteiros,
De meiga claridade arraza os valles,
Das aguas de cristal reluz no espelho.

Dubio clarão, na sombra derramado,
Tinge de luz cerulea os véos da noite,
E na vaga amplidão immerge, ao longe,
Em branda claridade os horizontes.

(*) Ilha do Mediterraneo, no golpho de Napoles.

L'Océan amoureux de ces rives tranquilles
Calme, en baignant leurs pieds, ses orageux transports;
Et pressant dans ses bras ces golfes et ces îles,
De son humide haleine en rafraîchit les bords.

Du flot que tour à tour s'avance et se retire
L'œil aime à suivre au loin le flexible contour:
On dirait un amant qui presse en son délire
La vierge qui résiste, et cède tour à tour.

Doux comme le soupir d'un enfant qui sommeille,
Un son vague et plaintif se répand dans les airs:
Est-ce un écho du ciel qui charme notre oreille?
Est-ce un soupir d'amour de la terre et des mers?

Il s'élève, il retombe, il renaît, il expire,
Comme un cœur oppressé d'un poids de volupté;
Il semble qu'en ces nuits la nature respire,
Et se plaint comme nous de sa félicité.

Mortel, ouvre ton âme à ces torrents de vie;
Reçois par tous les sens les charmes de la nuit;
A t'enivrer d'amour son ombre te convie;
Son astre dans le ciel se lève, et te conduit.

Vois-tu ce feu lointain trembler sur la colline?
Par la main de l'Amour c'est un phare allumé;
Là, comme un lis penché, l'amante qui s'incline
Prête un oreille avide aux pas du bien-aimé.

Das ermas praias namorado o pégo,
Falla-lhes manso, e suas plantas beija ;
Nos braços estreitando golphos, ilhas,
Orvalhoso suspiro ás ribas manda.

Praz-se a vista em seguir moveis contornos
Da onda, que investe a praia e se retira,
Qual terno amante, que em delirio abraça
A virgem, que ora cede, ora resiste.

Qual meigo suspirar d'anjo que dorme,
Terno vagueia um som no ethereo espaço,
Será dos Céos um écho mavioso?
Ou suspiro d'amor, que a terra exhala?

Exalça-se, recahe, renasce... expira,
Como seio em deleite arfando oppresso :
Parece que respira a natureza,
E como nós se queixa da ventura.

A taes torrentes de encantada vida,
A taes deleites da risonha noite,
Mortal! de par em par abre os sentidos ;
Aos extases d'amor te incita a lua.

Vês esse lume tremular ao longe?
E' d'amor um pharol—jurada senha...
Como inclinado lyrio, a terna amada
Do amante escuta, pensativa, os passos.

La beauté, dans le songe oú son âme s'égare,
Soulève um œil d'azur qui réfléchit les cieux,
Et ses doigts au hasard errant sur sa guitare
Jettent aux vents du soir des sons mystérieux :

« Viens : l'amoureux silence occupe au loin l'espace ;
« Viens du soir près de moi respirer la fraîcheur :
« C'est l'heure : á peine au loin la voile qui s'efface
« Blanchit, en ramenant le paisible pêcheur.

« Depuis l'heure où ta barque a fuit loin de la rive
« J'ai suivi tout le jour ta voile sur les mers,
« Ainsi que de son lit la colombe craintive
« Suit l'aile du ramier, qui blanchit dans les airs.

« Tandis qu'elle glissait sous l'ombre du rivage,
« J'ai reconnu ta voix dans la voix des échos ;
« Et la brise du soir, en mourant sur la plage,
« Me rapportait tes chants prolongés sur les flots.

« Quand la vague a grondé sur la côte écumante,
« A l'étoile des mers j'ai murmuré ton nom,
« J'ai rallumé sa lampe, et de ta seule amante
« L'amoureuse prière a fait fuir l'aquilon.

« Maintenant sous le ciel tout repose, ou tout aime.
« La vague en ondulant vient dormir sur le bord ;
« La fleur dort sur sa tige, et la nature même
« Sous le dais de la nuit se recueille et s'endort.

Em mago devaneio arrebatada,
Ella os olhos d'azul aos Céos levanta;
Depois tangendo, deleixada, a lyra,
Taes vozes confiou da noite ás auras:

« Oh vem, não tardes, vem—tudo é silencio...
« Commigo respirar da noite bella
« Alma frescura. Vem—só muito ao longe
« Do pescador s'enxerga a branca vela.

« Desde que o teu batel fugio da praia,
« Segui-lhe a vela na extensão dos mares,
« Qual de seu ninho a timida rolinha
« As azas do trocaz segue nos ares.

« Tua voz escutei na voz dos échos,
« Quando da margem velejavas perto;
« Das brizas a favor, ouvi saudosa
« Tua meiga canção do mar deserto.

« Quando a vaga, a espumar, bramio na costa,
« Do « Mar á Estrella » murmurei teu nome,
« Reaccendi-lhe o cirio, e a prece minha
« Irados aquilões nos antros some.

« Agora vê: no amor tudo descança,
« Na vergontea o jasmim, no talo a rosa,
« Já não ruge na praia solitaria,
« Mas dorme calma a vaga preguiçosa.

« Vois : la mousse a pour nous tapissé la vallée ;
« Le pampre s'y recourbe en replis tortueux ;
« Et l'haleine de l'onde, à l'oranger mêlée,
« De ses fleurs qu'elle effeuille embaume mes cheveux.

« A la molle clarté de la voûte sereine
« Nous chanterons ensemble assis sous le jasmin,
« Jusqu'à l'heure où la lune, en glissant vers Misène,
« Se perd en pâlissant dans les feux du matin. »

Elle chante ; et sa voix par intervalle expire,
Et, des accords du luth plus faiblement frappés,
Les échos assoupis ne livrent au zéphyre
Que des soupirs mourants, de silence coupés.

Celui qui, le cœur plein de délire et de flamme,
A cette heure d'amour, sous cet astre enchanté,
Sentirait tout à coup le rêve de son âme
S'animer sous les traits d'une chaste beauté ;

Celui qui, sur la mousse, au pied du sycomore,
Au murmure des eaux, sous un dais de saphirs,
Assis à ses genoux, de l'une à l'autre aurore,
N'aurait pour lui parler que l'accent des soupirs ;

Celui qui, respirant son haleine adorée,
Sentirait ses cheveux, soulevés par les vents,
Caresser en passant sa paupière effleurée,
Ou rouler sur son front leurs anneaux ondoyants ;

« Por nós de musgo se tapiza o valle,
« Dobra-se a vide em flacidos novêllos ;
« Da larangeira em flôr solta-se a briza,
« E vem embalsamar os meus cabellos ;

« Pousando o corpo em leito de açucenas,
« Ao luar—face a face cantaremos,
« Até que a aurora crástina fulgindo,
« Seus arrebóes de novo contemplemos. »

Assim cantando tão formosa amante,
Ora pára, ora langue, ora suspira ;
Ao doce canto seu dormindo os échos,
Ouve o zephyro só timidas queixas.

Quem o peito sentindo em viva fragoa,
Em sofrega ternura delirando,
N'estas horas d'amor, de luz tão meiga,
Visse dos sonhos seus a casta nympha ;

Quem n'um banco de musgo, ao som das aguas,
A' sombra do sycomoro a escutasse...
Inteira a noite—e no regaço amado,
Só com suspiros lhe tornasse as fallas ;

Quem, lhe aspirando o perfumado alento,
Lhe visse as tranças, ao soprar das auras,
Ora com beijos a afagar-lhe a face,
Ora nos hombros a volver-se em rôscas ;

Celui qui, suspendant les heures fugitives,
Fixant avec l'amour son âme en ce beau lieu,
Oublîrait que le temps coule encor sur ces rives,
Serait-il un mortel, ou serait-il un dieu?...

Et nous, aux doux penchants des ces verts Élysées,
Sur ces bords où l'Amour eût caché son Éden,
Au murmure plaintif des vagues apaisées,
Aux rayons endormis de l'astre élyséen,

Sous ce ciel où la vie, où le bonheur abonde,
Sur ces rives que l'œil se plait à parcourir,
Nous avons respiré cet air d'un autre monde,
Élise!... et cependant on dit qu'il faut mourir!

LAMARTINE.

Quem do tempo fugaz sustando o gyro,
Amor e coração aqui fixasse;
Quem esquecesse o deslizar das horas,
Simples mortal não fôra; um Deüs seria!

E nós, na encosta deste verde Elyseo,
E neste Éden d'amor, e nestas sombras,
Ao som queixoso do correr da fonte,
E do astro da saudade á luz nocturna,

Debaixo deste céo de vida e gozos,
Nestas ribas aos olhos deleitosas,
Deste outro mundo os ares respiramos,
Elisa!.. e todavia um dia a morte...

J. C. B. M.

Recife.—Setembro de 1843.

ISCHIA (*)

MEDITAÇÃO POETICA DE LAMARTINE.

Lá vai de luz encher a varios globos
Dourado Phebo. No horizonte opposto
De manso a lua sobe ; e á noite estende
Véo transparente pelo casto rosto.

Vê-lhe o fulgôr nos cerros ondeando,
Como um rio d'amor em que se inundam,
Nas costas deslizar, dormir nos valles,
Ou reflectir nas aguas que circumdam.

Dubia aurora, na sombra derramada,
Tinge o escuro do céo d'azul radiante ;
E os horizontes, nas extensas vagas,
Nadam em crustas de cristal brilhante.

A versão da ISCHIA de Lamartine é um desenfado poetico a que me dei, para obsequiar pessoa de mui grande respeito. Quiz ver até onde se prestava a lingoa portugueza, com o jugo da rima que a mim mesmo me impuz, obrigado a conservar a fidelidade das idéas originaes. Não sei se o consegui.

Quando emprehendi este brinco d'harmonia, convidei o meu amigo Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello a fazer um ensaio similhante, para o impellir a cultivar o seu mui distincto talento. Fez elle com effeito a elegante versão livre, que aqui vai encostada á minha, com permissão sua. O publico a lerá sem duvida com todo o prazer que ella excita.

J. SOARES D'AZEVEDO.

Pernambuco.—Setembro de 1843.

Dessas serenas praias namorado
O mar, lhe banha os pés entre mil beijos;
E cingindo nos braços golphos e ilhas,
As orlas refrigera com bafejos.

Como é bello o seguir ao longe as fórmas
Da onda que ora vai, ora se esquiva!
Dirias virgem que resiste e cede
Ao louco amante de quem é captiva.

Qual suspiro d'infante que adormece,
Brando s'espalha um som nos leves ares:
Será dos céos um hymno que a nós baixa,
Ou é d'amor um ai, da terra e mares?

Eil-o que sóbe e cai, renasce e expira,
Qual seio oppresso que em volupia abunda;
Todo o universo nestas noites lindas
Delira em queixas, em soidão profunda.

Que torrentes de vida! Homem, recebe-a
Das mãos da noite, n'alma arrebatada;
D'amor te farta; a sombra t'o permitte;
No céo esse astro te conduz á amada.

Vês aquelle clarão tremer no outeiro?
É um pharol d'Amor todo incendido;
Como um lirio curvado, alli a amante
Sôfrega escuta os passos do querido.

No delirio em que está aos céos levanta
A bella os olhos, que o azul reflectem;
E os alvos dedos no alaúde errando,
Taes sons os ventos humidos repetem:

« Oh! vem!.. Olha o silencio em todo o espaço!
« Vem junto a mim gozar da noite a aragem;
« Ao longe apenas a velinha alveja,
« Que o pescador conduz nessa paragem.

« Todo o dia segui d'olhos famintos
« Teu ligeiro batel, correndo os mares,
« Como do ninho a pomba temerosa
« Segue ufano trocaz que affronta os ares.

« Emquanto elle ia do ribeiro á sombra,
« Na voz dos échos tua voz ouvia
« E á tarde a brisa, que na praia quebra,
« As chacras tuas n'agua me trazia.

« Quando a onda bramio na costa brava,
« Do mar a Estrella (*) murmurei teu nome,
« A lampada avivei-lhe; e ás minhas preces
« D'amor, o vento súbito se some.

(*) O nome de Maria significa Estrella do Mar, e é este um dos titulos com que o christianismo invoca a Santissima Virgem.

« Eis a hora. Quêdo é tudo, ou tudo ama!
« Alli, na arêa, as vagas adormecem;
« Ao tronco a flor s'encosta; e os entes todos
« Sob o pallio da noite, a vida esquecem.

« Olha: vem ver o musgo alcatifando
« P'ra nós a varzea! Os pampanos em élos
« Torcer-se; e da laranja a flor cheirosa
« Embalsamar-me nivea estes cabellos!

« A' branda luz da abobada serena
« Cantemos ambos em jasmins sentados
« Até que a lua, p'ra Miseno andando,
« S'eclipse aos raios da manhã dourados. »

Canta; mas pouco e pouco a voz lhe morre;
E o bandolim harmonico afrouxando,
Os échos seus aos zephyros entregam
Tenues suspiros, só de quando em quando.

Quem de maga poesia acceso o peito,
Em tal hora d'amor e de saudade,
Súbito visse de sua alma o sonho
Tocar as fórmas de gentil deidade;

Quem da fonte ao murmurio, quem no musgo,
A' sombra do sycomoro sentado
A seus pés, sob um céo d'azues saphiras,
Só ais p'ra lhe fallar tivesse ousado;

Quem lhe aspirando o halito divino
A côma lhe sentisse errante e aerea,
Meiga roçar-lhe os olhos, perpassando,
Ou gyrar-lhe no rosto em onda etherea;

Quem suspendendo as horas fugitivas,
Nestas veigas cravando alma e ciume,
Crêsse que o Tempo aqui perdêra as azas,
Homem seria, ou fortunoso nume?

Mas nós nas fraldas deste verde Elysio,
Onde amor o seu Éden escondêra,
Ao som queixoso das serenas ondas,
A' luz desse astro que ora adormecêra;

Sob este céo qu'em vida e dita abunda,
Nestas ribas que alegre a vista corre,
Já d'outro mundo as auras respiramos,
Elisa!... E quem dirá qu'inda se morre?!

José Soares de Azevedo.

UM VOTO

DIRIGIDO POR OCCASIÃO DA SÊCCA DE 1845 QUE ASSOLOU A PROVINCIA DO CEARÁ.

O' tu, que logras venturosa vida,
Tu, fertil Pernambuco, ao extenuado,
Misero Ceará, soccorro presta,
Soccorro a um povo inteiro atribulado!

A vida social, que irmana os povos,
Que os homens entre si todos enlaça,
E' vera, caridosa companhia,
Contra o crime não só—contra a desgraça!

Somos uns, Christo o diz, aura dos outros....
Em naufragio de fome e de agonia,
Centenas de esqueletos rogam, clamam;
O pão nosso, meu Deus, de cada dia!

Este sol, que entre nós sorrindo assoma,
E doura refulgente infindos gostos;
Lá... tristes peripecias alumia,
E pesa sobre mil cavados rostos.

Quaes vergonteas, do tronco desprendidas,
Crianças do seu lar fogem saudosas,
Por estranhos desvios vagueando,
Em confuso tropel, desventurosas.

Da fome no supplicio relutando,
Ou blasphema, ou delira o pobre enfermo,
O velho, já sem fé, curvado, exclama ·
« Pesados dias !..» almejando o termo.

Ilhada nos sertões, entre os queimores
D'abrasado soão, per calvo serro,
Ou tostada campina, arida e erma,
Deixando o filho caro em triste encerro,

Uma pobre mulher, quebrada e fraca,
Porém forte d'amor! lá se aventura,
Após agrestes fructos, porfiosa,
Após sêccas raizes, que procura!

Do desespero atroz no extremo anceio,
Pallida,—qual espectro, o filho encara,
Olha:... não se lhe estende amiga dextra,
Nenhuma caridade a triste ampara!

De novo o serro explora : é baldo esforço!
Desanda; suspirosa ao lar se atira,
Por fado! a prole amada encontra fria...
Sobr'ella debruçada, arqueja, expira.

Qual silvestre açucena a fronte dobra
Por cima dos renovos, encalmada,
Assim por sobre o filho a mãi miserrima
Eterno somno dorme reclinada.

Duas lagrimas sós pularam férvidas,
Na hora, em que seus fados se amolgaram :
Nas compridas pestanas, penduradas
As perlas longo espaço scintillaram.

E pois que logras venturosa vida,
Acode... desvelado! ó Pernambuco,
A quantos choram e no trance amargo,
No gelo do sepulcro se arrefentam,
Que no meio d'horror somente alcançam
Frouxa luz alvacenta e céo pesado!
Sim, piedade, ó ricos, sympathia,
Para a orphandade, que de fome expira,
Em tanta cerração, miseria extrema!
Para a viuva martyr, que padece,
Entregue ás mãos crueis de iniqua sorte!
E para todos quantos desgraçados
Rolam na derradeira, infausta meta,
Que da campa fatal separa a vida!

Alongado, ai de mim! do patrio ninho,
Em larga ausencia, que me espinha n'alma,
Estas notas que em dôr gemi saudoso,
Do Beberibe ao grato remurmúrio,
N'um suspiro d'amor t'as mando, ó Patria!
Partem do coração; ó Patria, guarda-as!

J. C. B. M.

Recife.—1845.

VERSOS

INSCRIPTOS NO CHAFARIZ DA PRAÇA DA BOA-VISTA, NA CIDADE DO RECIFE.

O Prata, longe, entre bosques
A' luz do sol se encobria,
E nas sombras serpeando,
Selvagem, dubio, corria.

Civico esforço o destorce,
E eil-o loução se desliza,
Saúda o Prata á cidade,
Grato á mão, que o civiliza.

Perenne, igual, copioso,
Derramando a lympha pura,
Prestante a todos reparte
Salubridade e doçura.

Ei-lo aqui na voz dos échos
Patrios brios celebrando ;
Ei-lo aqui na lage, em fios,
Os cristaes despedaçando.

J. C. B. M.

Recife—1847.

O SOLDADO CEARENSE.

POESIA DEDICADA Á MEMORIA DO TENENTE-CORONEL DO EXERCITO

FRANCISCO FREDERICO FIGUEIRA DE MELLO,

COMMANDANTE DO 26º CORPO DE VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Quando o alarma soou na voz da Patria,
Volvêo-se o Ceará, e ouvio-lhe a queixa.
Qual, mais presto, desdenha a veiga, as messes,
Que já debruçam promettidos fructos ;
Qual esquece, soffrido, amor, saudades,
Acicala os fuzis, ordens aguarda.
Auri-verde estandarte ao porto assoma,
E os guerreiros reclama, arfando, o lenho.
Dizem adeus ao lar : ei-los penetram
Fluminenses quarteis, e ao som das armas,
Nos arraiaes do sul campeam lédos.
Acerbas privações, sobrios, não temem,
Tão pouco o ingrato clima que regela,
Ou que abafa em calor, na quadra estiva.

Valente batalhão, sagrado á Patria,
Solveste o voto, e prodigo da vida,
Teu valor escurece avitos nomes.
As sangrentas jornadas, que te illustram,
E os louros, que ceifaste, inveja excitam
No impavido Bahiano ; ao denodado
Pernambucano, audaz—bravo na guerra
Entre os mais bravos—teu exemplo assombra.

O ministro da guerra acolhe, busca
O merito provado á luz das pugnas.
E Minas, Maranhão apontam palmas.
(Oh civis dissensões!) que lá ganhára
O indomito Figueira ; ei-lo no mando ;
Cresce em todos a fé, o gaudio cresce :
Previsto o Capitão promette, augura
Ao soldado leal trophéos soberbos.

O' Figueira! O clarim ás armas chama ;
Os Cearenses teus já se enfileiram,
Fieis á disciplina. Doutrinaste-os
Com esmero de pai no marcio campo ;
Sabes o seo valor, audacia e arrojo.
A' frente delles, oh! quem foi mais bello,
Quando de gladio em punho, a voz troante,
Esteiros transpuzeste, e rareando
As hostes do inimigo, franqueaste
A' cohorte o triumpho, á Patria a gloria!

No solo paraguayo, antes que o prelio
Chamasse outro valor, outros triumphos,
Cearense valor recresce,—e ovante,
O sagrado pendão desfralda e planta.
Glorioso pendão! lavor mimoso,
Que delicadas mãos offereceram,
No estremecido adeos dos patrios lares,
Entre os sustos e o amor da esposa amada,
Entre o pranto das mãis e os ais paternos!

Não sem dôr, tanta gloria! Da refréga,
Descem aos hospitaes os mutilados:
Sentido, o cabo illustre, a todos caro,
Approxima-se ao leito dos feridos,
E dos valentes seus a sorte geme,
Inda não conscios da visinha morte!
A fronte, que crestára o sol da guerra,
Em lagrimas se trahe, quando o soldado,
« *Commandante*—lhe diz—*punir devemos*
« *Do Guarany feroz, em breve, o insulto.* »
E após o voto, ei-lo que emmudece,
Ri sereno e tranquillo, a dôr subjuga,
Mas na vencida dôr se esconde a morte!...

Tambem ao Capitão não poupa a sorte!
Figueira sente que o corcel baquêa,
Não sente a bala, que sibila e o fere.
Ordena os pelotões, julga-se valido,
Quando borbulha o sangue, e esvaecida
A voz já lhe fallece! Inveja o chefe
Do valente Sampaio o lustre e a morte!

Sampaio que, sem par, subio tão alto,
E mais alto levou da Patria o nome.
Que eu não possa estampar-lhe os nobres feitos
No bronze eterno de sonoros versos!

Mas destino cruel avexa e segue
O misero Figueira! Eis desce a noite,
Nos sombrios corceis: negreja o espaço;
No silencio, que reina, assusta os campos
O tropel dos guerreiros. De improviso,
Avançadas vedetas relampeiam!
Ao rapido clarão, Figueira rapido,
Da espada os punhos busca, em balde os acha!
Como a desgraça inopinada surge!
Os fados decretaram! Dextra amiga
Dos arraiaes contrarios crê que parte
O nobre campeão,—e desastrada,
Trémula de pavor, o fere e prostra!
Inclyto General, Bahiano egregio,
Argollo, tu que o viste nesse trance,
Qual foi do amigo teu o adeos extremo
Ao batalhão querido a que ensinara,
Insanavel na ira, e agro na luta,
A espargir do inimigo o sangue e a vida!
— « *O' caro Ceará! Levai-lhe, amigos,*
Disse, *virentes palmas!... Que eu não possa!...* »
E os labios lhe cerrou mudez eterna.

Doce amigo, dos teus orgulho e honra,
Quando dos braços meus soltaste os braços,
Ah! que votos eu fiz! baldados todos!

Breves, breves de mais teus dias foram !
Inda agora é manhã, e já cahidos
Ei-los da fronte tua os invejados
Louros, que assiduas pugnas conquistaram ;
Ei-las entre guerreiros, que te choram,
Bem cêdo, em crepe, as palmas vicejantes !
Quem podéra remir-te a vida illustre,
Sonho vão ! em que lédo te embalavam
Mocidade e porvir, com seus thesouros,
Esperanças e amor, com seus sorrisos !

J. C. B. M.

Rio de Janeiro. —Dezembro de 1866.

SONETO

AO MEU AMIGO E CONDISCIPULO

DR. ANTONIO DE ANDRADE LUNA

POR MOTIVO DE ACHAR-SE PARALYTICO.

Que magoa, caro Luna, acerba, ingente,
Me infunde dentro d'alma o teu estado!
Cruel é teu destino! Quão mudado
D'aquelle outr'ora ledo, e florescente!

D'aquelle em que d'amor no culto ardente,
Mofavas do futuro, e do teu fado!
D'aquelle em que te vi, de mim ao lado,
De Minerva altos dons colher contente!

Era este o teu porvir! Hoje tolhido....
Em dôr... fogem meus olhos de fitar-te,
Que te virão tão alto, e tão subido.

Oh quem me dera ter *engenho ou arte*
De abrandar teu destino desabrido,
E saúde e prazer constante dar-te!

J. C. B. M.

Olinda, 24 de Julho de 1839.

SONETO

EM RESPOSTA AO ANTECEDENTE,

FEITO PELOS MESMOS CONSOANTES.

Querido amigo, que prazer ingente
Eu sinto neste mesmo triste estado !
Penoso embora seja, e assaz mudado
D'aquelle que appellidas florescente.

Quando provas me dás d'amor ardente,
Do futuro me esqueço e do meu fado.
Quem podéra feliz, sempre a teu lado,
Tua amizade cultivar contente ?

Grato te fôra a não me achar tolhido....
Como grande que és, posso eu fitar-te,
Não tendo, como tu, estro subido ?

Se das Muzas tivesse a feliz arte,
Zombaria do tempo desabrido,
E renome immortal iria dar-te.

ANTONIO DE ANDRADE LUNA.

Olinda, 2 de Agosto de 1839.

SONETO

Á FRANÇA,

POR OCCASIÃO DA GUERRA FRANCO-ALLEMÃ

EM JANEIRO DE 1871.

Combate, ó França, teu valor apura,
Por ti respira livre a humanidade,
E derrocada a annosa, ferrea Idade,
Longe vão os grilhões, longe a tortura.

Por ti do mundo Deos attento cura,
E aos homens falla; arauto és da verdade;
Por isso elle te deo a heroicidade,
E te infundio na mente luz mais pura.

És dos povos o povo soberano,
E deixão-te vergar, em tal extremo,
Obcecadas nações? Misero engano!

Combate, ó França! que por ti não temo;
Nobre posto te guarda, em vasto plano,
Das nações todas o Arbitro Supremo.

J. C. B. M.

Rio de Janeiro.

RESPOSTA

AO AUTOR DO SONETO—Á FRANÇA.

Sur mon cœur déchiré des maux de la Patrie,
Vos vers harmonieux ont répandu le miel,
Et versé tout à coup leur divine ambroisie
Dans mon amère coupe, où débordait le fiel...

Vous l'aimez, comme nous, cette France envahie,
Par ces aigles bâtards aux instincts de Vautours,
Qui, si d'indignes chefs ne l'eussent point trahie,
De ses nobles destins eût poursuivi le cours.

A vous merci, poète, un jour viendra sans doute,
Où le soleil enfin brillera sur nos fronts,
Où Guillaume à son tour saura ce qu'il en coute
D'avoir sur un grand peuple amassé tant d'affronts !

Le cœur rempli de joie et de reconaissance,
Nous nous rappelerons ceux qui, dans nos revers,
N'ont pas craint de former, pour notre chère France,
Les vœux les plus ardents, exprimés en beaux vers !

Le Brésil et la France ont eu même origine,
Leur sympathie augmente avec l'adversité ;
D'un ennemi commun puisse un jour la ruine
Reserrer les liens de leur fraternité.

Baron de Geslin.

Rio de Janeiro, 1 Février 1871.

Á MINHA MÃE

UMA REPARAÇÃO

(MONOLOGO.)

Nome de minha mãe, querido e santo,
Nem uma vez sequer soaste em carmes,
Que saudoso cantei! Nome suave,
Que os labios me ensinou o amor materno!
Traçar-te poderei depois de tantos?!...
Pude da cara Patria entre « as Lembranças, » (*)
Esse nome esquecer!? Acerbo pranto
Borbulhe solitario de meos olhos,
E ao proprio coração reverta em ancias!
Ingratidão! Se ao filho fôra dado,
Nova fonte de lagrimas abrira,
E a repetir teo nome entre soluços,
Te enviára d'amor saudosa endecha!
Devo á querida mãe toda a minh'alma...
Como funda me sangra a chaga viva!

(*) Allude a uma poesia com este titulo.

Se ainda me ouvisse a confissão da culpa,
E ás vozes me inclinasse o meigo ouvido,
Eu lhe disséra, aos pés ajoelhado:
« Esqueci-te! perdôa! »—Ah quanto déra
Para a magoa delir, lavar a nodoa,
Nodoa indelevel, que me punge n'alma!
Ai! não me póde ouvir! Se á luz volvêra,
Certo que me disséra, entre caricias:
« Basta-me o amor de mãi! » Oh Deos supremo!
Nesse affecto, que é do teo reflexo,
Luzira teo perdão ao filho ingrato,
Então os braços lhe enlaçando ao collo,
Beijára-lhe, chorando, a fronte amada,
E a cara dextra, prodiga de bençãos!
Se ella vivêra, ouvira-me dos labios
N'um suspiro, que d'alma lhe entornára:
« São teos da lyra os sons, os sons mais doces..,
« Para ti meo amor inteiro, ardente...
« Quem o dividirá? Só Deos comtigo. »

J. C. B, M.

Rio, 22 de Novembro de 1875.

FIM

CORRIGENDA.

Pagina 2	—linha	28.	—Em vez de—E á sombra do arvoredo, que a conhece, lêa-se—E á sombra do arvoredo conhecido,
» 3	»	19.	—Em vez de—Dos leaes amigos, que me cercavam, lea-se—Dos amigos leaes, que me cercavam.
» 4	»	17.	—Em vez de—O' terra em que nasci, hei de inda verte!—lêa-se:—O' terra em que nasci, hei de inda ver-te?!
» 5	»	10.	—Em vez de—Quando estranhos nos são, não prendem a alma?—lêa-se—Quando estranhos nos são não prendem a alma!
» 11	»	9 e 10.	—Em vez de—O amante após da amada o acha brando, Onde quer que a fortuna insano o leve—lêa-se—Máo grado os vendavais, feliz o amante, Após a amada, surge em porto amigo.
» 16	»	9.	—Em vez de—Minha terra natal! Aos Céos não apraza—lêa-se: Minha terra natal! Por ver-te (e sempre) Anceia o coração. Não praza aos Céos
» 17	»	13.	—Em vez de—No fundo peito me dobraes a magua—lêa-se—No fundo peito a magoa me duplicas.
» 25	»	14.	—Em vez de—E a cidade commum dous campos formão,—lêa-se—Quaes em dous campos hostes inimigas,
» 45	»	4.	—Em vez de—O' tu, que logras venturosa vida,—lêa-se—O' tu, que logras opulenta vida.
» 53	»	9.	—Em vez de—Entre o pranto das mãis e os ais paternos,—lêa-se—Da materna ternura entre as saudades.

APPENDICE

AO LEITOR.

Um amigo do Illm. e Exm. Sr. Conselheiro João Capistrano Bandeira de Mello, enthusiasta de seu aprimorado estylo, obtendo a devida permissão, colleccionou as seguintes producções, que certamente serão apreciadas não só por seus conceitos, como tambem pela fórma que os reveste.

****

Rio de Janeiro, 6 de Novembro de 1875.

DISCURSO

Pronunciado pelo Deputado Bandeira de Mello, como orador da commissão nomeada para felicitar a S. M. o Imperador pelo anniversario natalicio da Serenissima Princeza Imperial, em 29 de Julho de 1852.

Senhor.

O dia de hoje é um dia fausto, o Brazil todo o contempla com regozijo immenso. A fé nesse porvir esperançoso, a que o chama a Providencia, hoje se esenrobustece e afervora no coração dos Brazileiros ; e essa fé, Senhor, é plena, porque é tranquilla, porque é espontanea, e ainda mais porque se associa a vivas e gratas previsões.

Senhor, a alma do povo é cheia de mysterios ; o seu jubilo nos grandes dias, como o de hoje, é um feliz presagio ; elle como que goza por instincto, porque presente grandes beneficios, e, por assim dizer, adivinha as vastas proporções da grandeza que o aguarda, ao contemplar inabalavel o alicerce em que firmou suas instituições politicas. D'ahi a tranquillidade com que marcha para o futuro, a devoção sincera que consagra á dynastia imperante, e a segurança que o alenta em suas aspirações de engrandecimento.

Um povo inteiro, Senhor, não tem memoria senão para o que é verdadeiramente grande: prompto esquece tudo que se não eleva á altura dos seus destinos; mas todo o Brazil hoje exulta, todo elle se recorda que hoje é o dia anniversario do nascimento da Serenissima Princeza Imperial: prova irrecusavel da magnitude transcendente deste anniversario.

Tambem o povo, Senhor, comprehende, e com razão, como um facto providencial, todo o acontecimento que vivamente o interessa no presente ou no porvir. O nascimento do successor da corôa, a conservação de sua existencia preciosa é sem duvida um desses acontecimentos, porque é um grande beneficio: por isso, o regozijo dos Brazileiros é hoje não só uma acção de graças para com a Providencia, mas tambem uma prece fervorosa para que este propicio anniversario se renove na successão dos tempos, como ha mister a prosperidade deste dilatado Imperio.

Senhor, a Camara dos Deputados nos confiou a honrosa missão de depôr ante o throno de V. M. Imperial a expressão genuina desses sentimentos, congratulando-se com V. M. Imperial pelo motivo que hoje os aviva e exalta no coração do povo, de que ella é fiel interprete.

POR OCCASIÃO DO ANNIVERSARIO

DA

Acclamação de Sua Magestade o Imperador

EM 7 DE ABRIL DE 1853.

Senhor.

O que a necessidade, a verdadeira necessidade impõe sem contestação aos povos, a razão do Estado sancciona e consagra.

O homem, cuja vasta intelligencia reconhece essa necessidade, cuja sabedoria descobre a opportunidade para satisfaze-la, não é, em tal conjunctura, senão a encarnação do direito. V. M. Imperial, outr'ora ainda no verdor dos annos, comprehendeo, como comprehende hoje, a causa, o interesse do povo. Tão precoce comprehensão prova, Senhor, que as grandes qualidades são ás vezes hereditarias como o throno.

Na marcha difficil de um grande povo, mão invisivel o conduz por ventura aos seus destinos. O genio, revestido dos attributos da realeza, preenche ás vezes a mesma missão.

A acclamação de V. M. Imperial foi uma revelação. Nesse dia a esperança foi a religião do povo, porque des-

de logo elle presentio os beneficios com que a Providencia hoje o engrandece.

A nova era, Senhor, que se abrio para o Imperio Brazileiro no dia em que os vivas da nação sagraram o throno augusto de V. M. Imperial é por certo uma das mais bellas paginas da nossa historia. Nesse grande dia V. M. Imperial votou generoso ao seu povo a promessa de longa prosperidade.

O povo votou a V. M. Imperial fé e amor inalteraveis. Foi um dia de gloria para todos. A gloria, Senhor, tem tambem seus complices!

Annos têm decorrido depois dessa epocha memoravel, mas os tempos transactos, Senhor, como os lugares onde se passarão insignes feitos, nos commovem e attrahem. As reminiscencias da grande nação se avivam hoje, e a levam toda, como em peregrinação, ao culto do passado. Certo, a estas mesmas horas, ha em todos os angulos deste dilatado Imperio um geral chamamento aos mesmos votos. Este culto, Senhor, sincero como a consciencia, espontaneo como o instincto, nós, em nome da Camara dos Deputados, temos a honra de pedir a V. M. Imperial se digne de aceita-lo. E' a religião do reconhecimento.

Por occasião do anniversario da Independencia do Imperio

EM 7 DE SETEMBRO DE 1854.

Senhor.

As nações se não transformam ao arbitrio dos homens.

Vãos esforços! quando a palavra do povo não é a reverberação do pensamento de Deos. Só a vista perspicaz do genio lê a pagina em que o mysterio envolve a virilidade dos Imperios.

Era chegada, Senhor, a epocha que dava ao Brazil a nobilitação da propria responsabilidade. Palpitava-lhe a liberdade na consciencia da força. Condição primeira dos progressos que hoje realisa a sabedoria de V. M. Imperial, sua independencia era ao mesmo tempo o fundamento dessa eminencia que a mão do porvir lhe prepara entre as nações do universo.

Propheta da grandeza do futuro Imperio, nobre como a dedicação que o anima, o coração de vosso augusto Pai, Senhor, se agita de gloria.

Nesse dia, cujo anniversario o jubilo nacional hoje solemniza, sua voz poderosa, resplandecente de valor, de abnegação, trôa os destinos do Brazil; e para ouvi-la a

nação toda se volta como electrisada para o Ypiranga immortal. O genio assegura ao grande Capitão renome eterno, e o povo espera o triumpho com a paciencia da certeza. Cumprio o heróe a missão preclara que a Providencia lhe commettêra. Magnanimo, dá um Imperio aos Brazileiros, ao passo que perde um Reino! Assim devêra se-lo, porque o sacrificio é a dignidade dos grandes feitos.

A memoria do povo, Senhor, é a alma do passado; no dia de hoje, porem, ella é antes a irradiação da gloria. O rapido volver dos tempos não aniquilla o esplendor dos grandes dias; não, porque o reconhecimento embalsama os heróes nas reminiscencias da patria.

A estas recordações, que em nome da Camara dos Deputados temos a honra de depôr aos pés do throno augusto de V. M. Imperial, permitti, Senhor, que juntemos respeitosas felicitações. O nome de vosso Pai será em todos os tempos um dos nomes do heroismo. Herdeiro desse nome, vossas virtudes lhe accrescentarão a gloria.

POR OCCASIÃO

DA

INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE D. PEDRO I.

Senhor.

O esquecimento é a clausula inexoravel dos renome; de convenção; somente os fructos da liberdade glorificam a memoria dos Monarchas. A nossa propria historia confirma esta verdade.

As noções de direito, noções sem as quaes não ha sociedade possivel, não eram por certo desconhecidas nos tempos embryonarios da nossa existencia colonial; mas, applicadas em sua accepção restricta, como acontece entre todos os povos regidos pelos systema do monopolio, essas noções constituiam regras exclusivas em beneficio de quasi imperceptivel minoria.

Caracter completo para a verdadeira grandeza, após o commettimento glorioso da independencia nacional, o augusto Pai de V. M. Imperial, rompendo a carta dos privilegios, disse: « Iniquidade ! A justiça, o direito, a liberdade são o patrimonio de todos; não ha justiça senão a que se applica a todos, direito senão o que é baseado sobre o dever, liberdade senão a de todos. A sociedade é uma, a lei deve ser uma. »

Estas vozes, com a rapidez do écho, que se multiplica por todos os corações, resoaram na consciencia publica como a verdade n'um templo, e presto o fundador do Imperio, levantando esse monumento perduravel de sabedoria, que attesta a fé sincera da sua religião social, inaugurou, felicidade nossa, a epocha constitucional nos fastos do Brazil. Coroação suprema de sua sublime missão!

Hoje o povo, cujos destinos se moldaram em seu pensamento magnanimo, ergue por sua vez um monumento, nobre e digno, como o da gratidão. A' sombra do bronze e do granito as gerações futuras contemplarão a gloria do excelso Principe, e verão com jubilo, na successão dos tempos, este dia memoravel, que hoje, alumiado á luz pura do reconhecimento nacional, assomará no porvir, alegre como uma festa, solemne como um dever, grande como uma epocha.

Senhor! A Camara Municipal da Cidade de S. Bernardo, na Provincia do Ceará, associando-se ás nobres emoções do Brazil inteiro, nos enviou para manifestar a V. M. Imperial as expressões de seu sincero regozijo pelo acontecimento que hoje celebramos, e nós, cumprindo assim esta missão, beijamos reverentes a mão de V. M. Imperial.

POR OCCASIÃO DO ANNIVERSARIO NATALICIO

DE

S. A. IMPERIAL A SRA. D. ISABEL,

PRINCEZA REGENTE,

EM 29 DE JULHO DE 1871.

Senhora.

Os anniversarios natalicios dos bons Principes são, Senhora, dias de verdadeira festa para os povos agradecidos; prendem-se no passado aos gloriosos feitos da historia nacional, ao passo que reflectem no futuro as esperanças das nações, porque, cousa singular, o tempo, que no mundo material tudo debilita, fortifica na pratica dos negocios a sabedoria dos que governam. Vosso anniversario, Senhora, grato outr'ora aos Brazileiros como uma esperança, grato hoje como uma promessa realisada, será em todos os tempos a reminiscencia ainda mais grata de vossas virtudes.

Contemplando, Senhora, como os dotes de vosso espirito, durante a ausencia de vosso augusto Pai, se manifestam no grave exercicio do poder magestatico, o Brazil

entrelaça, nas festas que hoje vos consagra, vivas homenagens de profundo reconhecimento ao grande cidadão que com desvelo soube exornar-vos o caracter e eleva-lo em preclaras qualidades ao nivel de vossa tão difficil como gloriosa missão.

Senhora, a terra de Santa Cruz, certo, é votada a grandes destinos. Sábia como é, a Providencia não erra a medida dos meios. Dotou-vos por isso do presentimento do bem publico, privilegio da sciencia politica, raro concedido. Queira tambem ella prolongar-vos os annos, e com este favor outorgar-vos um dia a gloria de conduzir a patria ás preeminencias mais elevadas, com a fé que tendes inalteravel no progresso social, esclarecido á luz dos votos de um povo livre.

Interpretando assim os sentimentos da Camara dos Deputados, dignai-vos, Senhora, de acolhê-los.

POR OCCASIÃO DO ANNIVERSARIO

DA

ACCLAMAÇÃO DE S. M. O IMPERADOR

EM 7 DE ABRIL DE 1874.

Senhor.

Nos preclaros exemplos que nos legaram os antepassados aprendemos a amar como um dogma a Patria que elles amaram; aprendemos tambem as intimas alegrias do sacrificio, e admiramos as energias d'alma, nobres, mysteriosas, ao serviço das gerações vindouras.

Synthese da historia, os anniversarios que relembram tão fecundos exemplos, agitam a consciencia nacional, e ante as scenas do patriotismo levam commovidas as nações á consagração do passado.

Este culto é a gloria posthuma do devotamento.

Sublime recompensa! porque a memoria dos povos é a immortalidade dos grandes feitos.

Na presença do anniversario que o Brazil inteiro hoje celebra, o pensamento publico se converte espontaneo, Senhor, para os quadros em que se desenham os fastos

gloriosos do reinado de vosso augusto Pai. Funda elle o grande Imperio Americano, e na ordem constitucional assenta as instituições da liberdade que nos tem engrandecido e illustrado. Após, desce do throno, mas desce como subira, na altivez da fé e da dedicação. Aos heróes apraz ostentar de preferencia nos esplendores da abnegação os moldes de sua individualidade.

Mas deixa magananimo o Principe aos Brazileiros o penhor perpetuo da prosperidade publica, e, graças a este favôr supremo, a nação progride segura entre as obscuridades do futuro. Coroação do patriotismo, tão insigne prova de sabedoria e previsão revela que as naturezas privilegiadas cedem, antes de tudo, ás attracções generosas do porvir.

A ascensão de V. M. Imperial ao throno termina a sublime epopéia. O que nos engrandeceo no passado fertiliza o presente. Novos e immortaes successos opulentam o thesouro de nossas glorias.

O povo os vê com emoção, como vê, Senhor, com a perspicacia do coração o alto pensamento em que muitas vezes suas aspirações primeiro se reflectem, e, interpretadas nos conselhos da experiencia, se illuminam aos raios fecundos do patriotismo.

A Camara dos Deputados nos envia, Senhor, perante o throno para offerecer a V. M. Imperial as congratulações que por tão justos motivos dirige a V. M. Imperial a gratidão nacional.

N'um album.

F.—Tua alma é ainda candida como as paginas do album que te envio.—Eu sou o primeiro que nelle escreve estas linhas, como fui o primeiro que escreveo em tua alma os affectos que te inauguraram a vida. Sabes qual a primeira inspiração de teu pai: o amor para com Deos. Não esperes, para lhe fallar, que os momentos solemnes da angustia venham explicar-te a mysteriosa linguagem da oração. Deos seja sempre a tua esperança, e possam as brancas paginas deste livro ser, com a lembrança de teu pai, o registro das felicidades que elle te deseja.

J. C. B. M.

Rio, 20 de Setembro de 1852.

N'um album.

Quando hymenêo prendeu-te para sempre aos destinos do homem feliz que te adora, brindei-te, E., com um pequeno livro santo. Perceberias o sentido da minha exigua offertá ? Eu desejei sempre que na terra a felicidade te sorrisse, como nos Céos a bemaventurança sorri aos anjos. Nesse momento solemne, eu tinha Deos no pensamento, como esse livro tem Deos em suas paginas. Quando eu t'o entregava, minha alma parecia ainda lêr esse livro em tuas mãos. Eu invocava para ti os favores do Céo. Essa dadiva, E., era um culto, era uma prece por ti.

J. C. B. M.

Rio, Abril de 1852.

N'um album.

Deixarei brevemente, Senhora, esta cidade, onde brilhaes invejada.

A inveja, que a belleza inspira, é a gloria do vosso sexo. Sinto mais viva a impressão das vossas graças; dir-se-hia que a minha memoria assegura o meio de invocar, na ausencia, a vossa doce imagem.

A belleza e o genio não são modestos, não podem sel-o. Póde o sol esconder os seus raios? A admiração e sympathia, que vos consagro, são um tributo devido a vossos raros dotes. Possa eu constantemente pagal-o, e ver a felicidade seguir-vos sempre os passos, pura como athmosphera do Céo, e permanente como o destino.

J. C. B. M.

Recife.—8 de Março de 1853.

N'um album.

O que é o mundo, Senhora?—Um foco de corrupção que se não póde encarar sem indignação profunda. Mas nós nos conciliamos com o mundo, quando observamos que elle encerra uma alma como a vossa. Acreditamos então na bondade, acreditamos na amizade, na generosidade; acreditamos até que elle contém muitas almas como a vossa. Esta illusão como que nos envolve em certo encantamento, de que sois a seductora Fada, e, graças a elle, nos sentimos felizes quando pensamos em vós.

J. C. B. M.

Rio, 6 de Outubro de 1853.

N'um album.

Como o poeta, a donzella consome a sua lampada da meia noite. O poeta trabalha para que outros façam o seu retrato, quando o original já não existe. Ao contrario, a donzella trabalha fazendo um retrato de imaginação, e sua bôa sorte muitas vezes lhe depara o original. Assim te aconteceo, F. O esposo que o destino te deo, por certo, corresponde ao retrato que fizeste á luz de tua lampada da meia noite.

Mas quam serios deveres te aguardam! Mais tarde, talvez mãi, quantos cuidados curvarão tua cabeça!

Eu vi o curso alegre e negligente de teos dias, e o bemdisse, porque a tua alegria era a innocencia do coração, e o descuido a felicidade. A felicidade! esse sorriso da inconstante fortuna.

Mas os corações, moldados como o teo, têm o privilegio de fixa-la, porque Deos nelles imprimio o amor... Com esta dadiva do Céo, ainda quando sopre o vento do infortunio, a coragem nunca fallece para ennobrecer a adversidade.

J. C. B. M.

Recife—1858.

N'um album.

A crysalida, que um dia tem de transformar-se em borbolêta, engana-se por ventura sobre o seu destino glorioso, quando antes de morrer construe, para renascer, o seo casúlo ?

Não.

Os passarinhos, que se libram no Céo, são acaso illudidos em suas esperanças, quando o instincto os leva a atravessar os mares e transpôr a solidão do espaço ?

Não.

Porque Deos nunca imprime um instincto enganador.

Tu, F., sorris para a felicidade, como a felicidade sorri para ti. Ella é o teu instincto, e não te enganará, como este não engana a crysalida, não engana os passarinhos.

J. C. B. M.

Recife.—1861.

N'um album.

A mão da enfermidade inopinadamente vos prostrou, Senhora, no leito da dôr; mas vosso rosto era illuminado pela resignação e tinha o reflexo de alguma cousa divina. Como era cêdo para voltardes aos Céos!

Quem poderá pintar-vos as dores que nesses dias de angustia despedaçaram tantos corações amigos!

Hoje felizmente gracioso sorriso colora e reanima o vosso semblante; forão ouvidas as vozes que por vós tantas vezes aos Céos subiram.

Como o lyrio do prado, curvado ao sopro da tempestade, ergue o collo ao orvalho da manhã, assim muitas vezes a saude, quebrada nos accidentes da vida, resurge e triumpha aos votos da amizade!

J. C. B. M.

Rio, 23 de Fevereiro de 1872.

FIM